

SOCIOMUSEOLOGIA. UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO MUSEUS E SOCIEDADE

SOCIOMUSEOLOGY. A REFLECTION ON THE RELATION OF MUSEUMS AND SOCIETY

**Maria Cecília
Filgueiras Lima
Gabriele**

*Professora Adjunta
da Universidade de
Brasília. Doutora
em Museologia pela
Universidade Lusófona
de Humanidades e
Tecnologias, ULHT,
Lisboa. E-mail: cecilia.
gabriele@gmail.com*

Resumo

O tema aqui apresentado trata da relação entre museus e sociedade, contemplando questões teóricas e práticas relacionadas à Sociomuseologia. Contém ideias, pensamentos e reflexões que embasaram a Tese de Doutorado intitulada Musealização do Patrimônio Construído: Inclusão Social, Identidade e Cidadania. Museu Vivo da Memória Candanga, defendida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. No cerne está o conceito da Sociomuseologia, que pensa o museu como possível agente de transformação social. Daí a importância do caminho percorrido pelo objeto que é exposto no museu, desde sua escolha, até sua comunicação. Este processo busca envolver a comunidade para que ela se reconheça participante do processo e convidada a refletir sobre temas relevantes para sua comunidade.

Palavras chave: Museologia. Sociomuseologia. Transformação Social.

Abstract

The theme presented here deals with the relationship between museums and society, covering theoretical issues and practices related to Sociomuseologia. It contains ideas, thoughts and reflections that supported the Doctoral Thesis entitled Musealization the Built Heritage: Social Inclusion, Identity and Citizenry. Living Museum of Memory Candanga defended in Lusophone University of Humanities and Technology. At the core is the concept of Sociomuseologia, which sees the museum as a possible agent of social transformation. That is the importance of the path traveled by the object that is exposed at the museum from its choice until your communication. This process seeks to involve the community so that it is recognized participant in the process and invited to reflect on issues relevant to their community.

Keywords: Museology. Sociomuseology. Social Transformation.

Introdução

Há muito as reflexões sobre museus e sociedade acontecem em todo o mundo e vêm contribuindo e fomentando experiências, que procuram se adequar a múltiplas visões de mundo e da museologia.

O caminho percorrido na formulação de propostas teóricas trazem em seu bojo o conceito considerado da Sociomuseologia, fundamental nestas discussões, e a relação que ela estabelece com o patrimônio cultural dos povos.

Em 1972, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile¹, uma apresentação sobre a situação sociopolítica, econômica e técnica da América Latina², proferida pelo arquiteto e urbanista Jorge Henrique Hardoy, foi fundamental para o entendimento de que os museus poderiam ter uma participação mais ativa na comunidade, assumindo seu caráter educativo, formativo e difusor de conhecimento. Na ocasião ficou definido “um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural” (ICOM, 1972).

Neste encontro, como bem lembra Santos (1999), todos os expositores eram profissionais latinoamericanos e bem comprometidos com suas realidades sociais. As ideias de Paulo Freire, que havia sido indicado para presidir o encontro mas não pode fazê-lo, ficaram evidentes nas propostas finais.

Para Santos, a construção do conceito de museu integral foi um importante marco na museologia, pois evidenciou a importância de direcionar o olhar para a realidade social, bem como buscar a conscientização da cultura e da identidade nos discursos da instituição museológica. A museóloga enxerga este momento como o ponto de inflexão da museologia contemporânea:

(...) a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se do patrimônio cultural, buscando a construção de uma nova prática social. (SANTOS, 1999, p. 09).

Esse jeito de ‘fazer museologia’ realçou a importância da inclusão da comunidade na dinâmica do museu, em especial por meio da interdisciplinaridade.

Porém, há de se ressaltar que dois eventos anteriores já indicavam sinais da mudança de paradigma do papel dos museus na formação da sociedade e na educação. Foram eles o Seminário Regional da UNESCO³, Rio de Janeiro, 1958, abordando o papel pedagógico dos museus, e a IX Conferência Geral do ICOM, Paris e Grenoble, 1971, com o tema “O Museu a serviço do homem, atualidade e futuro – O papel educativo e cultural”.

No Seminário do Rio de Janeiro focou as atividades educativas dos museus nas instâncias formais e não formais e em Paris foi apresentado um conceito inovador de museu,

o ‘neighbourhood museum’, ou museu da vizinhança, cujo objetivo de criação foi o de construir a história da comunidade, ressaltando sua identidade cultural, valorizando suas características mais relevantes, procurando orgulhar seus participantes, com a finalidade de trabalhar os problemas que estavam afligindo a comunidade e buscar soluções para problemas sociais e urbanos⁴. Esta proposta continha em seu bojo uma mudança na estrutura tradicional de museu pois, na prática, assumia um papel não mais de simples coletor, mas uma postura reflexiva, junto à comunidade, reconhecendo suas contradições, seus problemas e imaginando possíveis soluções.

George Henri Rivière e Hugues de Varine foram relevantes incentivadores de muitas destas iniciativas museológicas inovadoras, que foram levadas a cabo nas décadas de 1970 e 1980, e que culminaram com os chamados museus comunitários, ecomuseus e museus locais.

Mas estas formas ditas “alternativas” de ações museológicas não foram bem aceitas na reunião do ICOM de 1983, em Londres. A partir de então começou uma série de reuniões que buscaram meditar, divulgar e compreender as experiências em curso. Um marco neste processo foi o I Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, que aconteceu no Canadá, e que resultou na Declaração de Quebec - Princípios de Base de uma Nova Museologia⁵. Em 1985, em Lisboa, no II Encontro Internacional/Nova Museologia/Museus Locais, foi efetivamente criado o Movimento Internacional para a Nova Museologia, MINOM, que em 1986 passou a ser reconhecido como organização afiliada do ICOM.

Santos entende como princípios norteadores da chamada Nova Museologia:

(...) o reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos; a utilização da memória coletiva como referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade; o incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida na pluralidade e na ruptura; o desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não as coleções; a socialização da função de preservação; a interpretação da relação entre o homem e o seu meio-ambiente e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais; a ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social. (SANTOS, 1999, p. 12)

Este processo contribuiu para que parte da comunidade museológica passasse a compreender a relação território-patrimônio-comunidade como indissociável e a participação da comunidade na interpretação de seus símbolos ‘in situ’ como fundamental para o estabelecimento de uma relação profunda entre museus e sociedade.

Estas ideias colaboraram para o alargamento do conceito de patrimônio cultural e o entrosamento da museologia com os problemas sociais, econômicos e políticos das regiões. Neste contexto a museologia passou a assumir o papel de possível agente de desenvolvimento comunitário (PRIMO, 1999).

Todas estas ações e proposições tomaram por base o conceito de museu utilizado na Declaração de Santiago, bem mais comprometido com a sociedade do que o empregado oficialmente pelo ICOM, na época:

(...) o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; [...] (ICOM, 1972)

Museu como agente de desenvolvimento social

Dentre as várias interpretações desta aproximação encontra-se a Sociomuseologia, que dota o museu da missão de ser meio facilitador de desenvolvimento e transformação social. Toma para si esta tarefa, com base nas ciências sociais, procurando fomentar por meio de atividades pedagógicas e educacionais, práticas reflexivas sobre o patrimônio cultural.

O “diálogo” entre o homem e o objeto musealizado depende da abordagem escolhida pelos profissionais do museu para intermediar a ação. Quando os museus passam da condição passiva de meros expositores e ganham as ruas, no sentido de conquistar as pessoas, ganham também vida, reciclam-se, renovam-se e podem participar ativamente da formação de cidadãos mais comprometidos com seu patrimônio. Se o grande mediador entre o homem e o objeto, no processo museológico, é a linguagem expositiva, é ela que vai determinar o que o objeto tem a “falar” de si mesmo, de sua função, de sua feitura e de sua importância.

Para Guarnieri (1990), se um dos locais onde se estabelece a relação entre o homem e o seu patrimônio é o museu, este deve ter uma atitude ativa em relação à sociedade. Quando o Objeto é comunicado de forma eficaz e didática, ganha uma nova dimensão no contexto e tem seu grau de pertencimento ao ciclo do homem reativado. Por isso a instituição museológica não pode estar separada da vida e da realidade, pois reconhece como um de seus papéis fundamentais a difusão de conhecimentos, a fim de instigar a capacidade de reflexão e questionamento. Ela acredita que a difusão do conhecimento científico e tecnológico é uma forma de alcançar a independência econômica, política e cultural. Guarnieri enxerga na educação importância fundamental na independência de um país. É, de fato, a possibilidade mais segura de emancipação de uma nação. Em poucas gerações pode-se constatar a capacidade de soerguimento em bases sólidas e que tendem a melhorar com o passar dos anos. Os frutos são percebidos na melhoria de qualidade de vida da sociedade em geral e na diminuição de subempregos. Estas ações convergem também para o entendimento da cidadania, à medida que as classes mais desfavorecidas são inseridas no mercado formal de trabalho e passam a ter ciência de seus deveres e direitos garantidos por lei.

A educação sistematizada abre novas perspectivas de compreensão do mundo, as exigências se ampliam e são externadas de forma mais precisa, ao mesmo tempo que as demandas sociais tornam-se cada vez mais elaboradas e pertinentes.

Na Sociomuseologia, estas questões são componentes básicos para a construção deste modelo de museu mais comprometido com a sociedade. As ações podem ser feitas tanto com relação ao objeto em si, promovendo sua ligação com a memória, como nas ações educativas, trabalhando o patrimônio cultural com a comunidade.

Se a pesquisa deve alimentar as ações museológicas, a escolha do tema deve estar em sintonia com a demanda da comunidade e com a missão da instituição. Santos propõe a interação de várias áreas do conhecimento no repensar o museu. Este não pode ser visto como ciência contemplativa, mas que interage. É necessário trabalhar não com a possibilidade do conhecimento dado, mas construído e reconstruído, substituindo o sujeito passivo, que observa o que o técnico faz, para o sujeito que é parte integrante do processo. Julga necessário trabalhar com a

[...]museologia como um processo no qual as ações de pesquisa, preservação e comunicação são aplicadas, tendo como referencial os objetivos e diretrizes definidos com a participação dos sujeitos envolvidos. (SANTOS, 2000, p. 110)

A comunicação é capaz de integrar e eliminar fronteiras, mas as identidades precisam ser preservadas e valorizadas, pois têm um papel transformador. Segundo Santos, é papel da educação ajudar os estudantes a construir seus próprios quadros valorativos a partir de suas próprias culturas, e as escolas e os museus podem atuar como um sistema aberto, em permanente relação com o meio, diminuindo a distância entre a educação formal e a não-formal.

De acordo com Moutinho (2007), a Sociomuseologia, é uma área interdisciplinar, capaz de se relacionar de forma multidisciplinar com diversos campos do saber, principalmente com as ciências sociais e humanas, procurando aliar as estruturas museológicas às sociedades contemporâneas, com o objetivo de ser meio facilitador do desenvolvimento e inclusão social, com base no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível da humanidade. Este conceito enfatiza a aproximação da museologia com os valores sociais e comunitários e a participação da comunidade em todo o processo, desde o incentivo aos movimentos ligados à memória, até a escolha dos objetos a serem musealizados e sua forma de exposição.

Estratégias e experiências

A ação educativa é um fator importante na relação patrimônio cultural, museu e sociedade. E esta será mais exitosa quanto mais próximas da comunidade estiverem as estratégias e metodologias desenvolvidas para a interface da ação cultural e educativa com os visitantes e a sociedade. (SANTOS, 2000)

A museóloga Maria Célia Santos, no Museu de Arte Sacra da Bahia⁶, fez uma proposição de visitas guiadas onde enfatizava as características da arquitetura e dos objetos, contextualizando-os, com informações que iam além do objeto em si. Vinham à baila temas como as características econômicas, sociais e políticas em diversos períodos das coleções, mas também aspectos relevantes das relações sociais envolvidas, bem como a comparação com os correlatos dos dias atuais. A participação dos alunos foi muito expressiva.

Santos ainda apresentou o Museu aos professores de uma grande escola do bairro, com um planejamento de adequação dos conteúdos das disciplinas às coleções do museu. Mas os alunos interferiram na programação inicial e demonstraram interesse em saber mais sobre a evolução da cidade, pois a escola está situada no Centro Histórico de Salvador. Foi então que surgiu a ideia de uma ação educativa que partiu do museu, mas que atuou como um processo de musealização do espaço urbano, com a participação de alunos, professores e moradores. Estas práticas museológicas inovadoras trabalharam com o patrimônio global, ou seja, com o homem, o meio ambiente, o saber e o artefato, no tempo e no espaço⁷.

A abordagem de Santos tem grande relevância no cenário museológico brasileiro. Em seu pensamento o patrimônio deve ser visto e compreendido como algo que tem sentido para as pessoas. Acredita que o grande desafio dos museus é sair de seu contexto linear e fechado, para ampliar sua ação educativa na busca de integração com a escola e com o meio, colocar-se a serviço do capital social e cultural da sociedade. (GABRIELE, 2012)

Neste diapasão, um belo exemplo de como museus e sociedade podem ser construídos juntos é a experiência em torno dos ‘Paños de Gualaceo’⁸, em Chordeleg, Equador. Quando a museóloga Ione Carvalho chegou à aldeia, com uma demanda museológica, que partiu da UNESCO/Organização dos Estados Americanos, OEA, para montar uma exposição sobre a técnica, descobriu que somente oito mulheres, de cerca de 70 anos, da primitiva comunidade de pastores, sabiam a técnica de produzir a trama, tecida a partir do fio tingido, e marcado com nós, para construir os desenhos.

Esta técnica, própria do lugar, estava morrendo com as mulheres. O motivo principal do desinteresse na técnica era a falta de perspectiva econômica com a venda das peças produzidas. A partir desta descoberta foi feita uma oficina para ensinar as mulheres mais novas da comunidade o saber local que estava se perdendo. Verificou-se que a anilina usada estava desbotando e descobriu-se então um senhor que sabia como as cores eram fixadas no tecido. A partir desta informação um engenheiro químico da universidade local foi acionado e descobriu como poderia fixar a tinta por meio de um processo químico mais prático, barato e eficiente. Ou seja, a memória foi trabalhada para que a técnica não se perdesse, e ao mesmo tempo pudesse servir de gerador de renda para a comunidade local (Figura 01).

Mais que uma exposição, Ione Carvalho percebeu que lá deveria ser feito um trabalho de conscientização da cultura aliada a ações de desenvolvimento social.

Na ocasião, foi feita também a montagem do Museu Didático Comunitário. O edifício doado carecia de uma grande reforma, que foi executada pelos membros da comunidade. Sob o ponto de vista do patrimônio arquitetônico, este fato valorizou as técnicas construtivas locais. Os moradores da pequenina cidade de Chordeleg fizeram as telhas, os tijolos e as esquadrias nos moldes da arquitetura vernácula, que vinha sendo substituída pelas inovações trazidas de fora. Com o processo, os moradores passaram a valorizar suas técnicas, pois perceberam que as novidades importadas prejudicavam o desempenho térmico de suas habitações e, além disso, tornavam-nas mais frágeis com relação aos frequentes abalos sísmicos (Figura 02 e Figura 03).

A comunidade voltou o olhar para a produção de objetos que a identificam e que foram resgatados dentro do processo museológico. Além do crescimento da autoestima e da consciência social do grupo, houve um reconhecimento do patrimônio cultural quando se desvelaram as marcas identitárias que estavam para se perder definitivamente.

Figura 01

Oficina de Ikat, técnica utilizada para tecer os Paños de Gualaceo. Chordeleg, Equador.

Fonte: Arquivo Ione Carvalho

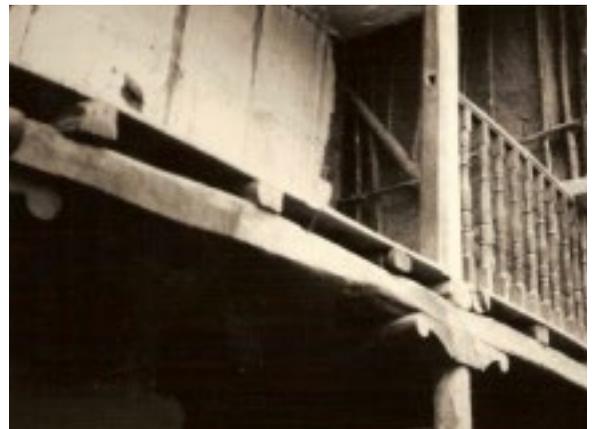


Figura 02

Museu Didático Comunitário. Chordeleg, Equador.
Situação em que se encontrava a casa doada.

Fonte: Arquivo Ione Carvalho



Figura 03

Museu Didático Comunitário. Chordeleg, Equador. Situação após a restauração pelos membros da comunidade.

Fonte: Arquivo Ione Carvalho

No Museu Didático Comunitário de Itapoá⁹, o objetivo e a missão, definidos no Plano Político Pedagógico, era o avanço em desenvolvimento social, numa escola de 1° e 2° graus, com o Curso de Magistério. Foram desenvolvidas as seguintes ações: a concepção inicial do museu, a mobilização da escola, a definição de temas e ações, a programação e execução de atividades e a concepção do novo museu. As referências trabalhadas foram: identidade, tempo, espaço e transformação. O acervo era o institucional, o universo do trabalho, da escola, do bairro, do material arquivístico e iconográfico. Como instrumentos legais, constam a Ata de Criação, o Regimento, o Estatuto e Projeto Pedagógico da Escola e os Objetivos do Museu. A gestão era compartilhada, ou seja, todos compartilhavam igualmente da autoridade e tinham responsabilidade sobre o bem comum. Os professores participavam do planejamento e da escolha do tema geral do ano seguinte. Ao longo do percurso, tudo era feito seguindo as metas estabelecidas nos planos de ação e segundo um programa de avaliação sistemática.

Um dos projetos desenvolvidos pelo museu-escola foi com a Colônia de Pescadores de Itapoá. Foi feita uma apresentação do programa, realizado um primeiro diagnóstico e definida uma relação dos temas a serem desenvolvidos e dos problemas a serem trabalhados pelo grupo. A integração dos agentes com os pescadores foi muito importante e aconteceu a partir da discussão sobre o que é patrimônio, num seminário em seu ambiente de trabalho, no mar. Com a assimilação do conceito, os próprios pescadores começaram a definir o que eles consideravam como patrimônio. As atividades foram desenvolvidas a partir dos temas selecionados e avaliadas periodicamente. A ação propiciou uma integração entre a escola e a comunidade da região em torno do tema, presente na vida dos que moram no bairro.

Considerações finais

Considerando o conceito de Sociomuseologia, o que se pretende que esteja nos museus é uma seleção dos feitos e/ou vestígios do homem, nem sempre grandiosos para a humanidade como um todo, mas importantes para uma determinada sociedade. Este conteúdo pode ser de ordem cultural, histórica, política, científica, ou para fins de educação, lazer e pesquisa dentre os mais variados temas. É a preservação do legado e seu relacionamento com a sociedade que verdadeiramente importam.

As ações escolhidas para serem apresentadas aqui tiveram um grande envolvimento com a comunidade, e surgiram a partir de uma demanda museológica. O que as torna particularmente emocionantes é que sua feitura contou com a participação das pessoas comuns, que depois se descobriram na parte interna dos museus e não mais como visitantes, mas como agentes definidores do que deveria estar ali representado.

Sejam os museus grandes ou pequenos, podemos expor temas que importam à comunidade. E isso é um primeiro passo para as pessoas se perceberem dentro dos museus, com linguagens expositivas que abarquem um maior número de pessoas, de diversas faixas etárias e que se sintam contempladas por motivos que as atraiam aos locais de exposição.

Os museus podem ser vistos como um lugar de aprendizado, não formal, prazeroso e agradável, um lugar de contemplação e de fruição do saber, um lugar de encontro com os sentimentos mais profundos e necessários para o reconhecimento das nossas condições como cidadãos de um universo cheio de contradições e oportunidades.

Referências

- ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 30-45.
- ACQUAVIVA, Marcus C. **Dicionário acadêmico de direito**. São Paulo: Jurídica Brasileira, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELLAIGUE, Mathilde. **O desafio museológico**: Fórum de Museologia do Nordeste. Salvador, 1992.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre E. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDUSP: Zouk, 2007.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Sobre o programa: Monumenta**. Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br>>. Acesso em: 22 mar. 2011.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Sobre o Ministério do Turismo**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 22 mar. 2010.
- BRUNO, Maria C. O. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: LEPA, as várias faces do patrimônio. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.
- BRUNO, Maria C. O. **Museu e museologia**: ideias e conceitos: abordagens para um balanço necessário. Rio de Janeiro: ICOFOM-LAM, 2008.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CORRADINI, Luisa. "No hay que confundir memoria con historia", dijo Pierre Nora. La visión del filósofo y académico francés. **La Nación**, Buenos Aires, 15. mar. 2006. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=788817>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- FERNANDES, José R. Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 265-276, 1993.

- FERREIRA, Aurélio H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GABRIELE, Maria C. **Musealização do patrimônio construído: inclusão social, identidade e cidadania**: Museu Vivo da Memória Candanga. Tese de doutoramento. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://www.museologiaportugal.net/files/upload/doutoramentos/maria_cecilia_gabriele.pdf> Acesso em: fev. 2012.
- GONÇALVES, José R. Os museus e a cidade. In: ABREU, R. E. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 175-189.
- GUARNIERI, Waldísia. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação**. Rio de Janeiro: IBPC, 1990.
- _____. **Museologia e identidade**. Cadernos Museológicos. n. 1/2. São Paulo: IBPC, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORTA, Maria L. Fundamentos da educação patrimonial. **Ciências & Letras**. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação. Porto Alegre, p. 25-35, 2000.
- ICOM. Mesa redonda de Santiago do Chile. Cadernos de Sociomuseologia, n. 15, p. 105-115, 1972.
- KÜHL, Beatriz M. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro**. Cotia: Ateliê, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- MACHADO, Jurema; BRAGA, Sílvia. **Comunicação e cidades patrimônio mundial no Brasil**. Brasília: UNESCO: IPHAN, 2010.
- MENESES, Ulpiano B.. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências & Letras-Revista da Faculdade-Porto Alegre de Educação**. Porto Alegre, p. 91-101, 1979.
- _____. **O objeto material como documento: patrimônio cultural: políticas e perspectivas**. [S.l.: s.n.], 1980
- MOUTINHO, Mário. **Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu**. Cadernos de Patrimônio. Monte Redondo, n. 5, 1989.
- _____. Definição evolutiva de sociomuseologia.13. Atelier Internacional do MINOM. Lisboa, 2007.
- _____. Os museus como instituições prestadoras de serviços. **Revista de Humanidades e Tecnologias**. Cadernos de Sociomuseologia, 2008.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, [São Paulo], p. 7-28, 1981.
- PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.16, 5-38, 1999.
- _____. Museologia e Design na construção de objetos comunicantes. Revista Caleidoscópio. [S.l.], 2006
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Maria Cristina T. M. **Reflexões sobre a nova museologia**. São Paulo: [s.n.], 1999.
- _____. Estratégias museais e patrimoniais contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**, Porto Alegre, p. 103-120, 2000.
- _____. Museu e educação: conceitos e métodos. Artigo extraído do texto produzido para a aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo, 2001.
- _____. Cultura, globalização e crítica social. In: SILVA, J. P. **Crítica contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2002.
- SEIXAS, Jacy A. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: Seixas, J. A. **Razão e paixão na política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.
- TELLES, Leandro. **Manual do patrimônio histórico**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Prefeitura Municipal de Rio Pardo, 1977.

Texto recebido em 15 de outubro de 2014. Publicado em 30 de dezembro de 2014.

Notas

- [1] Candido (2008) menciona como importantes para a formação da Nova Museologia, além da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, a Jornada de Lurs em 1966 e o Colóquio Museu e Meio-Ambiente, na França, 1972. Santos (1999), em Reflexões sobre a Nova Museologia, enxerga no Seminário Regional da UNESCO, no Rio de Janeiro, em 1958, que tinha como objetivo discutir a função dos museus como educativo, um prenúncio das mudanças posteriores.

- [2] A Mesa-Redonda de Santiago do Chile, foi organizada pelo ICOM, a pedido da UNESCO e aconteceu entre os dias 20 a 31 de maio de 1972 em Santiago. O objetivo era pensar o papel do museu na América Latina. Tornou-se um marco na Museologia, pelas novas proposições de atuação desta disciplina na sociedade.
- [3] O Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus contou com a participação do ICOM e profissionais do Brasil. Esta ação era parte de um projeto da UNESCO para discutir o tema em várias regiões do mundo. O Seminário contou com a participação de nomes importantes no cenário museológico nacional e internacional.
- [4] O modelo apresentado foi o do Museu de Anacostia, em Nova York, pelo seu Diretor John Kinard (SANTOS, 1999). Era um exemplo de como ações museológicas podem transformar a rotina de uma comunidade por meio de ações educativas e de esclarecimento sobre temas que afetam diretamente a saúde e a autoestima do grupo social.
- [5] Este documento foi traduzido por Mário Moutinho publicado pelas Edições Lusófonas, Cadernos de Sociomuseologia, Nº 15.
- [6] Tema apresentado no Curso de Estudos Aprofundados em Museologia, no seminário proferido pela Professora Maria Célia Teixeira Moura Santos, em agosto de 2008, no Rio de Janeiro.
- [7] Todos os exemplos citados neste artigo constam da Tese de Doutorado em Museologia, apresentada pela autora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa e disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/maria_cecilia_gabriele.pdf
- [8] Esta experiência aconteceu em Chordeleg, na província de Azuay, no Equador, conduzida pela museóloga Ione Carvalho que havia estudado com Georges-Henri Riviere.
- [9] A instalação do Museu Didático Comunitário de Itapoã, MDCl, é fruto de uma ação integrada entre o Curso de Museologia e o Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia-Instituto Anísio Teixeira, 1º e 2º Graus do Colégio Estadual Governador Lomanto Junior e os moradores do Bairro Itapoã de Salvador, BA. O MDCl trabalhou com o cotidiano da escola e do bairro de Itapoã, qualificado como patrimônio cultural. (Santos M. C., Museu e comunidade: uma relação necessária, 2000)